Capítulo 5

> Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; por quem também temos acesso, pela fé, a esta graça em que estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória dos filhos de Deus. E não só isso, mas gloriamo-nos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a prova, e a prova a esperança; e a esperança não engana, porque a caridade de Deus foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Para que, com efeito, Cristo, quando ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios? Pois dificilmente alguém morre por um justo; por um bom, talvez alguém ouse morrer. Mas Deus demonstra a sua caridade para conosco, porque, quando ainda éramos pecadores, a seu tempo, Cristo morreu por nós. Muito mais, pois, agora justificados em seu sangue, seremos salvos da ira por meio dele. Porque, se, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não só isso, mas gloriamo-nos também em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a reconciliação. Por isso, assim como por um só homem o pecado entrou neste mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, naquele em quem todos pecaram; porque até a lei o pecado estava no mundo; mas o pecado não era imputado, não havendo lei; contudo, a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre os que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é figura do que havia de vir. Mas o dom não é como o delito. Pois, se pelo delito de um só morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom, pela graça de um só homem, Jesus Cristo, abundaram sobre muitos. E o dom não é como o que veio por um só que pecou. Pois o julgamento, a partir de um só, levou à condenação; a graça, porém, a partir de muitos delitos, leva à justificação. Pois, se pelo delito de um só a morte reinou por meio de um só, muito mais os que recebem a abundância da graça, do dom e da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como pelo delito de um só veio a condenação sobre todos os homens, assim também pela justiça de um só vem sobre todos os homens a justificação que dá a vida. Pois, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um só muitos serão constituídos justos. A lei, porém, interveio para que abundasse o delito; mas onde abundou o delito, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou para a morte, assim também a graça reine pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Comentário

Visto que, pelo que precede, se provou suficientemente que toda justificação é pela fé, *justificados, pois, pela fé*, *tenhamos paz*, isto é, concórdia entre nós, para que nem o judeu se anteponha ao gentio, nem o gentio ao judeu, nesta nova graça. Para mais os deter da discórdia e os induzir à concórdia, diz: *tenhamos paz com Deus*; se, com efeito, formos discordes entre nós, certamente não temos paz com Deus: tenhamos, digo, paz *por nosso Senhor Jesus Cristo*, a quem devemos obedecer em tudo, que quis ser entregue à morte por causa de nossos delitos, etc.; por esse Cristo, não só os delitos foram perdoados e nos foram dadas a vida e a justiça, mas também *temos esta graça*, isto é, tão excelente que podemos afastar doenças e fazer milagres. Mas, para que os judeus não julgassem ter, por mérito da lei, algum degrau para esta graça, diz Paulo: por esse Cristo temos também *acesso*, isto é, o primeiro degrau para chegar a esta graça; graça que alcançamos *pela fé*, como a justificação, porque a fé justifica e a fé dá esta graça, *na qual estamos firmes*, isto é, perseveramos (a Adão foi conferida muita graça, mas nela não se firmou); e, firmes nesta graça, *gloriamo-nos na esperança da glória dos filhos de Deus*, isto é, porque esperamos com toda certeza ter a glória que têm os filhos de Deus: *e não só* na esperança desta glória, *mas gloriamo-nos também nas tribulações*. Esta é a máxima virtude: alegrar-se naquilo que naturalmente se teme. Gloriamo-nos nas tribulações porque *sabemos que a tribulação produz a paciência*, isto é, porque o uso e o costume das tribulações nutrem a paciência; *a paciência produz a prova*, isto é, a purificação, porque, como o ouro é purificado pelo fogo, assim o que há de ser purgado nestas coisas é consumido pelo fogo da tribulação: por isso, os que terminam a vida na tribulação, temo-los sem hesitação alguma por santos, porque tudo o que antes pecaram o fogo da tribulação consumiu inteiramente; os que, porém, terminam a vida em paz, por mais louvavelmente que tenham vivido (ninguém, com efeito, está sem mancha), sem uma demonstração certa de milagres, não os contamos no catálogo dos santos. *A prova produz a esperança*; com toda certeza, com efeito, pode esperar quem foi suficientemente purificado; *a esperança*, assim tida depois da purificação, *não engana*, isto é, não faz envergonhar os que esperam, os quais tornaria confusos se fosse frustrada.

Na verdade a esperança não engana, mas se cumprirá, o que temos por certo *pelo Espírito Santo que nos foi dado*; o Espírito Santo, com efeito, já em parte nos deificando, dá a certeza de que seremos plenamente deificados no futuro, iluminados segundo a alma com maior conhecimento de Deus e, segundo o corpo, incorruptíveis. Que o Espírito Santo nos foi dado evidencia-se por isto: *a caridade de Deus foi derramada em nossos corações*, isto é, o amor de Deus foi ampliado em nossos corações, porque estamos prontos a sofrer e a morrer por Ele. Ou de outro modo: na verdade não engana, mas se cumprirá; o que se evidencia porque *a caridade de Deus foi derramada*, isto é, porque Deus nos ama abundantemente e porque a caridade de Deus arde tanto para conosco. Sentimos isto em nossos corações iluminados *pelo Espírito Santo que nos foi dado*.

Prova que a esperança (como foi dito) se cumprirá, por diversas causas: seja porque, se não se cumprisse, em vão Deus se teria feito homem e teria gostado a morte, se não levasse a perfeito termo, consumando a esperança, o que começara com piedade; seja também porque, se, quando éramos ímpios e havia em nós mérito de condenação, quis fazer tanto que, por nós ímpios, enfrentou a dificuldade da morte, não se deve duvidar de que nos salvará, já justificados e já

alegando o mérito da salvação; o que lhe é fácil, porque não precisa mais morrer; por isso diz: na verdade a esperança não engana, mas se cumprirá; porque, se não se consumasse como esperamos, *para que Cristo morreu*, justo pelos ímpios, ou em lugar dos ímpios, porque os ímpios deveriam morrer por seu pecado, ou em vista da redenção dos ímpios? Dir-se-ia: porque morreu, por isso não pode. Morreu, digo, *a seu tempo*; ao terceiro dia, com efeito, ressuscitou. De novo o adversário: ímpios, sim, éreis, mas já justificados ao tempo de sua morte. Ímpios, digo, quando *ainda éramos fracos*, isto é, perseverávamos na impiedade. Em vão o justo morreu pelos ímpios, se deixa de salvar os justificados; não se deve crer que deixe incompleto aquilo por que enfrentou tamanha dificuldade.

Dir-se-ia: foi tão grande assim morrer pelos ímpios? Sim, digo; *dificilmente*, com efeito, alguém, isto é, algum digno de morte ou que logo vai morrer, *morre por um justo*, isto é, em lugar ou em favor de um justo; donde é claro que foi algo grande Cristo, que, quanto à sua justiça, não haveria de morrer, morrer pelos ímpios. Por isso digo que dificilmente alguém morre por um justo; *pois por um bom talvez alguém ouse morrer*. Se há dúvida sobre se alguém morre por um bom, grande foi Cristo, o piedoso, morrer pelo ímpio. Dificilmente alguém ousaria morrer por um justo; mas Cristo morreu por nós, e com isto Deus *demonstra a sua caridade para conosco*; pois, se *quando ainda éramos pecadores* Cristo morreu, o que foi tão difícil e indevido, o justo por nós pecadores, *muito mais, pois* (isto é, por isso), deve-se crer que agora, *justificados em seu sangue*, isto é, pela efusão de seu sangue, nós que antes éramos pecadores, *seremos salvos da ira por meio dele*, que não precisa mais ser mudado do seu estado, como quando sofreu a morte pelos pecadores.

E porque poderíamos ser justificados e, no entanto, não recuperar a paz perdida com Deus, diz: na verdade, justificados, seremos salvos, uma vez que já alegamos o mérito da justificação, porque, *quando éramos inimigos* e tínhamos o mérito da condenação, *fomos reconciliados com Deus* por coisa tão grave como a morte de seu Filho; e, se antes inimigos, agora pela morte de seu Filho fomos reconciliados, muito mais se deve crer que nós, reconciliados e já de algum modo merecedores da salvação, seremos salvos. E nos salvará com muita facilidade, porque *pela sua vida*; já não é, com efeito, necessário que morra, como antes.

Deve-se considerar como opõe cada coisa a cada coisa: pecadores justificados, inimigos reconciliados, pela morte na vida; não esperamos somente a salvação futura, mas também *gloriamo-nos em Deus* pela esperança e pelo gozo dela, ainda enquanto aqui estamos; gloriamo-nos, diz, *por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora*, pouco antes, *recebemos*, inimigos, *a reconciliação* com Deus.

Alguém objetaria: Cristo foi, sim, bastante justo, mas não parece que sua justiça seja suficiente para a salvação de todos. O que o Apóstolo prova, dizendo: como pela desobediência de um só todo homem caiu, parece digno e conveniente que pela obediência de um só se repare a queda do gênero humano, por Jesus apenas; por isso pudemos ser reconciliados para a salvação, *assim como por um só homem o pecado entrou neste mundo*, não enviado por Deus, mas por certa violência, isto é, tornado tão miserável pelo pecado, e consequentemente pelo pecado de um só homem entrou a morte, tanto corporal quanto espiritual, no mesmo homem; *e assim a morte passou* dele *a todos os homens*; e com razão dele a todos, porque este foi aquele *em quem todos pecaram*; nos rins de Adão, com efeito, toda aquela massa do gênero humano foi corrompida pelo pecado da

prevaricação. Alguns estendem este versículo até aquele muito mais abaixo: *portanto, assim como pelo de um só*, etc.; mas, como expusemos, pode ser bastante abreviado.

Na verdade todos pecaram em Adão, embora antes da lei isto fosse ignorado por quase todos; *pois o pecado estava no mundo desde Adão até a lei*; mas, embora fosse assim, *este pecado não era imputado*, isto é, ninguém era julgado réu pelo pecado original antes de Moisés, *não havendo lei*, a qual, depois que veio, tornou manifesto esse pecado; ou digamos por inteiro: este pecado estava no mundo antes da lei, mas era ignorado, porque nenhum pecado era imputado, não havendo lei. E, embora o pecado original não fosse imputado antes da lei, pode-se bastante reconhecê-lo pelo fato de que reinou a morte corporal, que foi a pena do original, enviando antes de si todas as suas misérias, a sede, a fome, as febres e o mais; *reinou*, digo, *desde Adão até Moisés*, não só sobre os que ao pecado original acrescentaram os seus pecados, mas também *sobre os que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão*, isto é, os que, da sua parte, não prevaricaram como Adão: estes são as crianças, que não tiveram tempo de pecar, mas foram punidas somente pelo original. *O qual Adão é figura do que havia de vir*, isto é, do futuro Adão, que é Cristo. Adão foi figura de Cristo porque, assim como aquele é pai de todos segundo a carne, assim Cristo é pai dos fiéis segundo a fé; e, assim como do lado de Adão adormecido foi formada Eva, assim do lado de Cristo adormecido no sono da morte na Cruz foi fabricada a Igreja. E Adão é figura de Cristo porque Deus decretou emendar por um só Cristo o que por um só Adão foi pecado.

Ou leiamos assim, segundo Ambrósio: na verdade todos pecaram em Adão; pois o pecado original estava no mundo até a lei; mas, embora estivesse no mundo, esse pecado não era imputado, porque não havia lei que o desse a conhecer. Mas, embora esse pecado fosse ignorado, em pena desse pecado reinou a morte desde Adão até Moisés, não só sobre os que pecaram por obras atuais, mas também sobre os que pecaram à semelhança da transgressão de Adão, isto é, que por mera semelhança, por serem filhos de Adão, o prevaricador, foram condenados.

Mostrou acima que um só Cristo é suficiente para a salvação de todos, porque um só Adão foi suficiente para a perdição de todos; e, assim como comparou a pessoa de Cristo à pessoa de Adão, assim opõe a causa de Cristo, isto é, a obediência, à causa de Adão, que é a desobediência; e opõe o efeito da causa de Cristo, isto é, a justificação no presente e a vida eterna no futuro, ao efeito daquela, isto é, à morte temporal e à condenação eterna. Prova também que a graça de Cristo abunda muito mais do que o pecado de Adão; pois, de Adão contraímos apenas o original, ao passo que a graça de Cristo, no batismo, perdoou não só o original, mas com ele todos os atuais. O texto liga-se assim: Adão foi figura antiga do futuro Adão; mas, embora uma pessoa fosse oposta a uma pessoa, as causas são dessemelhantes; *não é, com efeito, o dom como o delito*: não é, com efeito, o dom de Deus, que é a graça, como o delito de Adão. Na verdade o dom de Cristo não foi como o delito de Adão; pois o dom de Cristo abundou muito mais do que o delito de Adão, porque o delito foi um só, que chamamos original; Cristo, porém, perdoou o original e todos os atuais. E prova: realmente só Cristo foi suficiente para a justificação de todos; *pois, se pelo delito*, isto é, por meio do delito de um só Adão, e por um só (o que determinará mais plenamente a seguir), isto é, pela desobediência; se por este delito, diz, que chamamos original, *muitos morreram*, contraindo esse original do primeiro pai (diz *muitos* não porque nem todos tenham sido atingidos por este pecado, mas porque nem todos foram retidos nele perseverando, depondo esse original pela fé recebida em Cristo); se, diz, pelo delito de um só muitos morreram, *muito mais*, segundo a dignidade da

pessoa e da causa de Cristo, *abundou a graça de Deus*, isto é, a remissão dos pecados. Abundou também *o dom*, isto é, o fortalecimento pelo Espírito Santo; depois de remitidos os pecados, são com efeito necessárias as armas do Espírito Santo, com as quais resistamos ao diabo que mal aconselha. *A graça*, diz, *e o dom abundaram na graça*, isto é, *pela graça de um só homem*. Diz com acerto *pela graça*, porque, assim como a contração do original foi por necessidade, assim a salvação foi feita pela graça, isto é, pela vontade; ninguém, com efeito, se salva senão por vontade. Assim como, diz, o delito de um só se difundiu em muitos, assim igualmente a graça de um só homem abundou em muitos. Não diz que a graça abundou em mais do que o delito, mas *sobre muitos*, isto é, em muitos; nem todos, com efeito, foram salvos, porque não quiseram. De um só homem, digo, que não pôde menos do que quis; pois de *Jesus Cristo*, isto é, do Salvador e Rei.

Como diversificou as causas de Cristo e de Adão, assim distingue os efeitos das causas ao opô-los, dizendo: assim como o dom de Cristo não foi como o delito de Adão, assim também *não é como o que veio por um só que pecou o dom*, isto é, os efeitos do pecado de Adão e da graça de Cristo são diversos, porque o pecado é simples, o dom, porém, é múltiplo. E prova-o dizendo: na verdade o efeito do pecado de Adão e o efeito da graça de Deus não são semelhantes; *pois o julgamento*, isto é, a justa sentença de Deus, *leva à condenação*, isto é, condena os filhos de Adão *a partir de um só delito*, isto é, somente por causa do original; *mas a graça* de Cristo *leva à justificação*, isto é, justifica seus filhos *a partir de muitos delitos*, isto é, tanto dos atuais quanto do original. Deve-se notar que aquele primeiro pecado debilitou, sim, a nossa natureza e a tornou mais propensa à queda, mas não foi causa dos pecados atuais, aos quais poderíamos resistir pela razão natural (embora em grande parte debilitada). Deve-se ver também que, embora no pecado de Adão se considerem muitas coisas, como a soberba e a gula, diz-se apenas um, porque a desobediência.

Prova que a graça justificou a partir de muitos delitos, dizendo: realmente pela graça de Cristo os homens são justificados a partir de muitos delitos; pois, recebida a justiça (o que é maior), *reinarão* com Cristo na vida eterna; o que diz equivalentemente: os homens que *recebem a abundância da graça*, isto é, a remissão abundante, porque não só do original, mas de todos os atuais; e que recebem *a abundância do dom*, isto é, os dons do Espírito Santo, abundantes para o fortalecimento no bem; e que recebem *a abundância da justiça*, isto é, da operação justa, porque, depois de remitidos os pecados e fortalecidos pelo Espírito Santo, só então é lícito obrar bem; estes, digo, que recebem estas coisas, reinarão com Deus postos na vida eterna: todas as quais coisas, a graça, o dom e o reino, receberão *por meio de um só, Jesus Cristo*. E realmente por este só; porque, se no delito de um só Adão, que foi causa da perdição, *a morte reinou*, tanto temporal quanto eterna, *por meio de um só*, por um só delito, isto é, pela desobediência, *muito mais*, segundo a dignidade da pessoa, da causa e do efeito, os que são *recebedores da abundância da graça, do dom e da justiça reinarão na vida por meio de um só Jesus Cristo*. Já que ali há também semelhança, pois Adão é um e Cristo é um, e há a maioridade segundo a dignidade, que foi dita: portanto, do semelhante e do maior posso inferir que, assim como pelo delito de um só Adão, delito, digo, que passa a todos os homens, se chegou à condenação, *assim também pela justiça de um só Cristo*, que passa a todos os homens segundo a potência (Cristo, com efeito, deu o preço suficiente por todos), *por meio da justiça de um só*, diz, chegou-se à *justificação que dá a vida*.

Mostrou suficientemente acima que Cristo era poderoso e bastava para restaurar tudo o que caíra por Adão, mas não determinara o que fazia nesta reparação, se por potência ou por mérito; o que

aqui determina, dizendo que, assim como Adão, merecendo mal pela desobediência, precipitou a todos, assim Cristo, merecendo bem pela obediência, redimiu a todos. O texto liga-se assim: na verdade pelo delito de um só todos são condenados, pois pela desobediência; e *assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores*, porque nem todos permaneceram no pecado, *assim também pela obediência de um só* Cristo, que isto mereceu, *muitos serão constituídos justos*: muitos, porque nem todos quiseram ser justificados.

Como agora diz que Cristo justifica os homens dos pecados, diz que também os transgressores da lei justifica da prevaricação da lei recebida; e aduz isto para comprovar que os judeus são mais obnóxios à graça de Deus do que os próprios gentios, aos quais se preferiam nesta nova graça; porque os gentios eram réus somente da lei natural, os judeus, porém, eram réus da prevaricação tanto da lei natural quanto da escrita. O texto liga-se assim: a obediência de Cristo justificou muitos; *a lei, porém, interveio para que abundasse o delito — interveio*, diz, porque o pecado já antes entrara — a lei entrou para que o delito abundasse, não porque a lei fosse má, mas porque sob ela estavam aqueles que tornaria réus, mandando, e não ajudando. A lei era tida de três modos em seu tempo: para alguns era apenas sinal, como para Abraão, que foi circuncidado não para ser por isso justificado, mas como sinal da justificação já recebida pela fé; para outros a lei era pedagogo, de modo que, assim como a guarda dos pedagogos refreia o menino para que não se desmande vagando, assim a lei, ameaçando com a pena, refreava alguns do ato do pecado; para outros, porém, a lei era causa de prevaricação. Nestes dois primeiros, para os quais a lei era sinal da justiça ou pedagogo, nada operava; porque os que eram justos, como Abraão, o eram pela fé, não pela lei; os que se refreavam do mal pelo temor, não o faziam pela lei, mas pelo dom do Espírito Santo, isto é, pelo espírito de temor. Para outros, porém, a lei era causa de delito, porque de prevaricação. Pela lei o delito abundou, mas pela graça foi esvaziado; onde quer que o delito tenha abundado, sob a lei ou fora da lei, aí a graça *superabundou* sobre o delito; porque não só perdoou os pecados, mas também concedeu operar com justiça.

Como alguns ainda erravam por causa do que foi dito, que a graça superabundou onde houve delito, dizendo que podiam pecar impunemente, até oportunamente, porque a graça de Deus tudo perdoaria e, quanto mais, tanto mais gloriosa seria, Paulo determina que a graça de Deus, quantos sejam os pecados, no batismo os perdoa todos, mas, depois de justificados, se pecam de novo, os pecados não serão perdoados como antes por graça, mas pelo mérito da penitência; por isso diz: a graça de Deus abundou certamente com esta condição: *para que, assim como o pecado reinava* antes da justificação *levando à morte, assim também a graça reine*, depois de perdoar os pecados, *pela justiça* recebida e bem conservada, indo *para a vida eterna*, não olhando mais para a iniquidade: reine, digo, *por nosso Senhor Jesus Cristo*, que, depois de justificar pela graça, dá a vida eterna.

Revision #1
Created 2 November 2026 23:30:28 by Admin
Updated 2 November 2026 23:30:28 by Admin